

OS DESAFIOS DO SER PROFESSOR E A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NO ENSINO EAD

Angélica Backes¹

Leila Edinéia Arnhold Johner²

RESUMO

Quando falamos em inovações tecnológicas desenvolvemos muitas vezes um impacto nas ações a serem desenvolvidas, pois a sociedade em que vivemos a informação e a educação nela especificamente o EAD (Educação a Distância) assumem um papel relevante no contexto educacional e de inclusão e acessibilidade no ensino, neste caso o ensino a distância. A complexidade no processo ensino- aprendizagem desempenha múltiplos papéis entre professores, tutores, alunos e ferramentas tecnológicas. Busca-se a flexibilidade de ensino, a compreensão de espaço- tempo e a organização do estudar, onde o professor se desafia e ao mesmo tempo é desafiado a deliberar estratégias nas suas habilidades e competências para com o ensinar. O desenvolvimento deste estudo é de cunho bibliográfico e de caráter qualitativo, com o intuito de descrever os desafios do ser professor no ensino a distancia perante a tecnologia da informação. Conclui-se com este que o professor é formador do saber, acompanha e operacionaliza a disciplina no processo do desenvolvimento do ensino, supera com o aluno as dificuldades, buscando alternativas para facilitar o processo de aprendizagem no formato adequado do conteúdo a ser usado virtualmente.

Palavras- chave: professor; tecnologia da informação; EAD.

1 INTRODUÇÃO

As contínuas transformações e mudanças que ocorrem na sociedade, de uma forma ou outra, influenciam continuamente em mudanças na educação. Atualmente, com o avanço das tecnologias, principalmente de informação e comunicação, discutem-se possibilidades das tecnologias contribuírem e aperfeiçoarem os processos de ensino e de aprendizagem como

¹ Administradora, Mestranda em Gestão Estratégica de Organizações. E-mail: assistenciasocialnc@gmail.com.

² Enfermeira, Docente, Mestranda em Gestão Estratégica de Organizações. E-mail: leila_johner@hotmail.com.

também a formação dos professores para o uso dessas tecnologias. Cabe destacar que as tecnologias podem ser usadas tanto na educação à distância como na educação presencial.

Segundo Moran (2007, p.16) “há uma percepção crescente do descompasso entre os modelos tradicionais de ensino e as novas possibilidades que a sociedade já desenvolve informalmente e que as tecnologias atuais permitem.”

Portanto, os professores ao se deparam com a disseminação de várias tecnologias necessitam estar atualizados para essa mudança de mercado e preparados para se utilizar destas ferramentas no processo de ensino e de aprendizagem, o que pode tornar a educação um processo fluido e dinâmico onde professor e aluno interagem e aprendem juntos.

Na educação à distância é mais evidente a necessidade do professor motivar seus alunos, promover a participação, comunicação, interação e conforto de ideias (SOEK; HARACEMIV, 2008) e as tecnologias podem auxiliar esse profissional nessas funções. O professor na EaD é o mediador dos processos de ensino e de aprendizagem e também assume outras funções, Andrade, (2009, p.4) diz que, deve ser visto, com um papel similar ao professor do ensino presencial, sendo ele responsável por promover a interatividade, pela troca de experiência entre os alunos e por reforçar a comunicação do grupo. Para o mesmo autor, o papel do tutor vai além do processo de mediação de aprendizagem atingido também questões emocionais e motivacionais. Muitas vezes é de responsabilidade do tutor criar um ambiente acolhedor ao aluno através do uso das tecnologias minimizando distâncias, dando segurança ao aluno para que se envolva ao máximo no processo de busca do conhecimento.

Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente, professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet.

A educação presencial, semi-presencial (parte presencial/parte virtual ou a distância) e educação a distância (ou virtual). A presencial é a dos cursos regulares, em qualquer nível, onde professores e alunos se encontram sempre num local físico, chamado sala de aula. É o ensino convencional. A semi-presencial acontece em parte na sala de aula e outra parte a distância, através de tecnologias. A educação a distância pode ter ou não momentos presenciais, mas acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e ou no tempo, mas podendo estar juntos através de tecnologias de comunicação. Moran, 1994.

Educação a distância não é uma seleta em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo - de forma presencial e virtual. Nessa perspectiva, é possível avançar rapidamente, trocar experiências, esclarecer dúvidas e inferir nos resultados, vão combinar cursos presenciais com virtuais.

2 A EVOLUÇÃO DIGITAL

A passagem para a sociedade da cultura digital – traduzida pelo poder dos dígitos para tratar toda a informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal. Trouxeram mudanças sem precedentes nos modos de produção e de divulgação da informação, assim como do conhecimento, alterando profundamente o processo de ensino/aprendizagem. O Especialista em Tecnologia na Educação, José Moran (2002) afirma que a tecnologia é a ponte de ligação com o relacionamento na educação.

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professores como alunos, temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas.

Conexões com o cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação.

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço- temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

A aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.

Avançaremos mais pela educação positiva do que pela repressiva. É importante não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites. E sim começar pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na nossa capacidade de aprender e de mudar.

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos.

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades.

Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.

As mudanças na educação dependem também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico, além das empresariais ligadas ao lucro; que apoiem os professores inovadores, que equilibrem o gerenciamento empresarial, tecnológico e o humano, contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos, motivados, facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador.

Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajuda-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças, que estimula afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas.

Diferenças entre educadores e educandos, não são apenas geracionais, mas também de letramentos. Essas diferenças criam barreiras didáticas e comunicativas que solicitam do professor a busca de novas mediações pedagógicas, através de uma pedagogia que leve em conta a forma não-linear de aprender do educando.

Desafio para a educação, a partir das novas tecnologias, principalmente, nos papéis do professor e do aluno, na tentativa de compreender o ensino/aprendizagem no contexto do homo zappiens. (Termo usado por VEEN, Wim, em Homo Zappiens: educando na era digital, para definir as gerações digitais – nascidos a partir dos anos 90).

No contexto, no qual se processa a educação tecnológica, o novo perfil do educando deve ser, não apenas compreendido, mas respeitadas as suas características de uma geração que se mostra com uma nova forma de cognição, cujas consequências representam, possivelmente, o maior desafio para o contexto escolar hoje. Essa nova cognição é própria dos nativos da era da informática globalizada.

Segundo (VEEN; VRAKING, 2009), eles pertencem à geração de rede, digital, cyber, que atua em uma cultura cibernética global com base na multimídia, por isso designada pelos autores de geração Homo zappiens. O uso das tecnologias influenciou o modo de pensar e o comportamento do Homo zappiens.

Aprende, desde cedo, que pode processar quantidades enormes de informações por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios e comunicar-se com amigos e com outras pessoas de maneira muito mais intensa do que as gerações anteriores.

O Homo zappiens (VEEN; VRAKING, 2009), não considera o fato de ter de processar grandes quantidades de informação um problema. Ele lida com extrema facilidade com os computadores e sem a necessidade de fazer cursos, desenvolve habilidades e estratégias que são fundamentais para a aprendizagem e extremamente úteis em uma sociedade da informação, na qual não é mais o conteúdo que importa.

a) Habilidades icônicas – navega pela internet lendo facilmente símbolos, ícones, cores, figuras, movimentos e sons, enfim, tudo o que é onipresente nas páginas da internet.

b) Executar múltiplas tarefas - presta atenção a várias fontes de informação ao mesmo tempo e com diferentes níveis de atenção.

c) Zapear - muda rapidamente o foco de atenção, mantendo a compreensão de diferentes focos.

d) Comportamento não linear – aprende a construir conhecimento, a partir de várias informações vindas de diferentes fontes.

e) Habilidades colaborativas – organiza e exercita estratégias colaborativas em blogs, sites, redes de relacionamentos, comunidades virtuais, sistema wiki.

f) A aprendizagem relaciona-se à brincadeira – aprende por meio do brincar, usando as estratégias do jogo.

g) Pensar por imagens - entende que as mensagens estão também na linguagem visual, ao contrário das gerações anteriores que procuram a mensagem na linguagem verbal.

A mudança de perspectiva coloca o Homo zappiens no centro do próprio saber e das próprias escolhas, o que faz com que ele também se coloque no centro do processo de aprendizagem.

É essa geração que ingressa em nosso sistema educacional. Sua relação com a escola mudou profundamente. Considera as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo, à sua vida cotidiana.

Demonstra dentro da escola, um comportamento hiperativo e, de certa forma, indisciplinado. A sua atenção é limitada e não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com suas próprias convicções.

As reflexões acerca do perfil do educando hoje levam, necessariamente, à discussão da formação do professor e do seu papel nesse cenário de transformações.

Mudança na tônica do conceito de “ensinar” para o conceito de “aprender” (PEREZ, CASTILLO,1999). “Ensinar”- ligado ao sujeito/professor, que transmite conhecimento a um aluno que recebe e reproduz as informações. “Aprender”- ligado ao sujeito/aluno que busca e adquire informações, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, dialoga, desenvolve competências.

Essa mudança de tônica do “ensino” para a “aprendizagem”, a qual pressupõe e/ou delega protagonismo aos sujeitos participantes desse processo, tem hoje as ferramentas tecnológicas como aliadas.

Contudo, para que a tecnologia possa servir à mediação pedagógica não basta o professor aprender a utilizar computadores como solução para a incorporação adequada das TICs no espaço escolar.

É preciso que as vivências que envolvem o computador sejam realmente transformadas em capital pedagógico nas práticas ensino/aprendizagem.

Observar e conhecer aquilo que de fato o Homo zappiens faz e gosta, parece ser o caminho para a escola entender que essa geração vive em um mundo diferente, para o qual habilidades, atitudes e comportamentos novos são compulsórios.

Isso implica frequentar o espaço de atração e de interatividade do Homo zappiens, ocupar-se da linguagem de hipermídia do ciberespaço para que, com base nesse contato, ele possa ensinar sobre as novas experiências, inclusive as estéticas

Esse “conhecer” o espaço de navegação do educando se apresenta como condição para que as distâncias geracionais e de letramentos sejam reduzidas entre o educando e o professor.

3 PREPARAR OS PROFESSORES PARA A UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR E DA INTERNET

O primeiro passo é facilitar o acesso dos professores e dos alunos ao computador e à Internet. Procurar de todas as formas possíveis que todos possam ter o acesso mais fácil, frequente e personalizado possível às novas tecnologias. Ter salas de aula conectadas, salas ambiente para pesquisa, laboratórios bem equipados. Facilitar que os professores possam ter seus próprios computadores. Facilitar que cada aluno possa ter um computador pessoal portátil. Sabemos que esta situação no Brasil é atualmente uma utopia, mas hoje o ensino de qualidade passa também necessariamente pelo acesso rápido, contínuo e abrangente a todas as tecnologias, principalmente às telemáticas.

Um dos projetos políticos mais importantes é que a sociedade encontre formas de diminuir a distância que separa no acesso à informação entre os que podem e os que não podem pagar por ela. As escolas públicas, comunidades carentes precisam ter esse acesso garantido para não ficarem condenadas à segregação definitiva, ao analfabetismo tecnológico, ao ensino de quinta classe.

O segundo passo é ajudar na familiarização com o computador, com seus aplicativos e com a Internet. Aprender a utilizá-lo no nível básico, como ferramenta. No nível mais avançado: dominar as ferramentas da WEB, a participar de listas de discussão, a construir páginas.

O nível seguinte é auxiliar os professores na utilização pedagógica da Internet e dos programas multimídia. Ensiná-los a fazer pesquisa.

Vivemos em uma sociedade conhecida como sociedade de informação, verificamos claramente as transformações na organização do trabalho, na produção, nos mecanismos de relacionamento social, no acesso à informação e educação.

4 CONCLUSÃO

A educação desde seus primórdios vem se modificando, e as organizações, os educadores, educando e todos o círculo desta, incorpora mudanças fundamentais e de grande importância na vida de todos nós.

O professor deve estar, não na contramão dessa constatação, mas ao lado do educando, e juntos, podendo conhecer as novas possibilidades de leitura e de escrita, as quais se transmitem em diferentes linguagens e expandem a liberdade para novos usos da linguagem verbal e para novas estratégias de aprendizagens.

Portanto, mais do que aprender sobre as novas tecnologias, é preciso que o professor aprenda com as novas máquinas o porquê de sua utilização no ensino.

Compreender o que o computador pode dizer de importante para a escola contemporânea, considerando o perfil das capacidades cognitivas do estudante.

Dessa forma, acredita-se que o uso da informática na educação não servirá apenas para a capacitação do uso da máquina, mas muito mais do que isso, ela servirá “para privilegiar a

construção de sentido sobre esse uso e suas implicações nos processos educativos, conferindo uma experiência cultural e não só instrumental.” (RAMAL, 2002, p. 236).

A EaD é uma modalidade educativa que caminha para a democratização do saber e amplia oportunidades de acesso ao conhecimento, felizmente já podemos observar esforços públicos e privados no sentido de criar consórcios e promover um grande debate visando organizar os pressupostos teóricos e práticos para podermos avançar na estruturação de uma grande rede de EaD, possibilitando assim queimarmos etapas e levando educação a todos os cantos deste nosso país continental, certamente temos muito caminho à frente, mas sempre poderemos olhar para trás e verificar o longo caminho que já percorremos.

REFERÊNCIA

FRANCO, João Jose de Souza. **Novo paradigma científico na sociedade do conhecimento.**

Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/369/1/Novo_paradigma.pdf>.

Acesso em: 24 mai., 2016.

LITTO, Frederic M; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 2.ed. Campinas: São Paula, Papirus, 2007;

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

VEEN, Wim. **Homo Zappiens: educando na era digital.** Porto Alegre: Artmed, 2009.